

11

O homem corpulento estava virando no Grande Corredor, quando Han alcançou-o e divisou-lhe a expressão de péssimo humor que completava o andar apressado. Mas não havia problema; o próprio Han não se encontrava de bom humor.

— Coronel Bremen — chamou ele, acertando o passo com o do militar, quando ele atingiu a primeira das árvores ch'hala, com seu tronco púrpura- esverdeado. — Quero falar um minuto com o senhor.

Bremen olhou irritado para ele.

— Se for sobre Mara Jade, Solo, já vou avisando que não quero escutar.

— Ela ainda está sob prisão domiciliar — disse Han, sem prestar atenção ao outro. — Quero saber por quê.

— Bem, talvez esteja relacionado com o ataque do Império, duas noites atrás — respondeu Bremen, cheio de sarcasmo. — Será que pode ser por isso?

— Pode ser — concordou Han, batendo num dos galhos mais longos. O torvelinho de cores abaixo do tronco transparente tornou-se de um vermelho irado, que espalhou-se em ondas pela árvore. — Acho que tudo depende de quanto se dá ouvidos a rumores do Império, hoje em dia.

Bremen parou e virou-se para encará-lo.

— O que você quer de mim, Solo? — perguntou ele, provocando olhares de um grupo de diplomatas que conversavam sentados. — Vamos examinar os fatos um instante, sim? Jade sabia sobre a porta secreta e as passagens... ela já admitiu isso. Ela estava no local antes que qualquer alarme fosse disparado... e ela admite isso também.

— Lando e o general Iblis também estavam, e você não prendeu nenhum deles — argumentou Han, sentindo os efeitos dos princípios de diplomacia que Leia incutira nele.

— Mas a situação deles é muito diferente. Calrissian e Bel Iblis têm um passado de lutas pela Nova República e as pessoas aqui

garantem a fidelidade deles. Com Jade não temos nem uma coisa, nem outra.

— Leia e eu podemos responder por ela — ofereceu Han, tentando esquecer toda aquela história sobre matar Luke. — Não está bom? Ou você só está bravo com ela por fazer melhor o seu trabalho?

Assim que acabou de falar, percebeu que não dissera a coisa certa. Bremen voltou-se para ele, vermelho como uma árvore ch'hala, o olhar frio como o gelo.

— Então ela matou alguns pretensos agentes do Império... isso não prova nada. Com um Grande Almirante dando as ordens, todo o ataque poderia não passar de um plano elaborado para nos convencer que ela está do nosso lado. Desculpe, mas não engulo essa história assim tão fácil. Ela vai receber tratamento completo: pesquisa de registros, histórico, investigação dos conhecidos e algumas sessões de perguntas com nossos interrogadores.

— Ótimo. Se ela ainda está do nosso lado, com certeza vai passar para o lado deles depois de tudo isso.

Bremen apurou o corpo.

— Não fazemos esse trabalho para ganhar popularidade, Solo. Fazemos isso para proteger vidas na Nova República... a sua e a de seus filhos, no caso. Presumo que a conselheira Organa Solo estará na reunião com Mon Mothma; se ela tem alguma queixa a fazer, poderá fazê-la na ocasião. Até lá, não quero ouvir mais nada sobre Jade, de ninguém. Especialmente do senhor, capitão Solo. Está claro?

— Muito claro — suspirou Han.

Voltando-se para o outro lado, o major Bremen continuou seu caminho pelo Grande Corredor. Han ficou a observá-lo afastar-se.

— Você tem um jeitinho especial com as pessoas, não? — comentou uma voz conhecida.

— Luke, que prazer em vê-lo. Quando voltou?

— Aterrissei há dez minutos. Liguei para o seu quarto e Winter me disse que você e Leia tinham descido para uma reunião especial — contou Luke.

— Tinha esperança de falar com vocês antes de começarem.

— Na verdade, não fui convidado — afirmou Han, lançando um último olhar para as costas de Bremen. — E Leia parou primeiro no

quarto de Mara.

— Ah, Mara.

— Ela estava aqui quando precisamos dela — disse Han.

— E eu não estava — completou Luke.

— Não foi isso que eu quis dizer.

— Sei disso. Mas ainda assim, eu teria preferido estar por perto.

— Você não pode ficar aqui para proteger sua irmã sempre. E para isso que eu sirvo.

Luke sorriu.

— Certo. Quase esqueci.

Han olhou por sobre o ombro. Outros diplomatas e assessores de conselheiros começavam a chegar, mas nada de Leia ainda.

— Vamos... ela deve ter demorado mais com Mara. Vamos andando e a gente a encontra no caminho.

— Estou surpreso que você a deixe andar sozinha pelo palácio — comentou Luke, enquanto caminhavam ao longo do corredor, entre as ch'hala.

— Ela não está sozinha. Desde o atentado, Chewie não a perde de vista — informou Han. — Aquela enorme bola de pêlos está dormindo ao lado de fora da nossa porta.

— Deve dar um certo sentido de segurança.

— É, mas as crianças vão crescer com alergia a pêlo de wookie. Onde você estava? Sua última mensagem foi há três dias.

— Isso foi antes de eu ter de parar em... — Luke interrompeu-se, olhando para os lados. — Depois eu conto toda a história. Winter disse que Mara estava sob prisão domiciliar...

— É, e parece que vai ficar assim. Pelo menos até que eu convença o pessoal da segurança que ela é inocente.

— Talvez isso não seja tão fácil.

— Por quê não?

— Porque ela passou a maior parte dos anos de guerra como assistente pessoal do Imperador.

Han olhou para o cunhado.

— Você está brincando!

— Não estou. Ele a mantinha viajando pelo Império realizando tarefas para ele. Era chamada a Mão do Imperador.

Que fora o termo que o major usara para referir-se a ela na ala médica.

— Estamos bem arrumados — comentou Han. — Você bem que podia ter contado para a gente.

— Não achei que fosse importante. Ela não está com o Império agora, isso é certo — declarou Luke, olhando para o cunhado. — Acho que quase todos nós temos coisas no passado que não gostamos de ver comentadas por todos.

— De alguma forma, não acho que Bremen e os figurões da Segurança vão enxergar a coisa assim.

— Bem, a gente vai ter de convencer eles... Luke interrompeu-se.

— O que foi? — indagou Han.

— Não sei... senti uma perturbação na Força. Han sentiu frio na boca do estômago.

— Que tipo de perturbação? Algo que indique perigo?

— Não — respondeu Luke, franzindo a testa. — Mais como uma surpresa... ou choque. Não tenho certeza... mas vem da parte de Leia.

Han largou o cabo da arma, os olhos percorrendo o corredor. Leia estava sozinha com uma ex-agente do Império... e surpresa o suficiente para que Luke captasse.

— Acha que a gente deve correr? — perguntou ele, em voz baixa.

— Não — respondeu Luke. — Mas é bom andar depressa. Han reparou que ele tinha o sabre-laser na mão.

Do lado de fora da porta veio a voz abafada do dróide de segurança G- 2RD e, com um suspiro conformado, Mara abandonou a prancheta de leitura sobre a escrivaninha. Mais cedo ou mais tarde a Segurança iria cansar-se das sessões de interrogatório brando. Porém, se isso acontecera, ainda não havia nenhuma demonstração prática. Projetando a Força, tentou identificar seus visitantes, esperando pelo menos que não fosse o tal Bremen outra vez.

Não era; e ela teve tempo suficiente para recuperar-se da surpresa antes que a porta se abrisse e Leia Organa Solo entrasse.

— Oi, Mara — cumprimentou a visitante. Atrás dela o dróide fechou a porta, dando um breve vislumbre do wookie. — Parei para ver como você estava.

— Estou ótima — resmungou Mara, sem saber se Organa Solo seria um progresso ou retrocesso em relação a Bremen. — O que aconteceu lá fora?

Leia sacudiu a cabeça e Mara captou-lhe o aborrecimento.

— Alguém na Segurança resolveu que você não pode ter mais de um visitante por vez e Chewie teve de ficar do lado de fora. Não ficou muito contente com isso.

— Suponho que ele não confie em mim?

— Não é nada pessoal — assegurou Leia. — Wookies com dívidas de vida levam isso muito a sério. Ele ficou aborrecido por quase ter perdido a todos nós na tentativa de seqüestro. Para dizer a verdade, acho que ele confia em você mais do que em qualquer outra pessoa no palácio.

— Estou contente que *alguém* se sinta assim. Talvez eu deva pedir a ele para ter uma conversa com o coronel Bremen. Organa Solo suspirou.

— Sinto muito sobre tudo isso, Mara. Temos uma reunião dentro de alguns minutos e vou tentar libertá-la. Mas não acho que Mon Mothma e Ackbar vão autorizar, até que as investigações tenham terminado.

E quando descobrirem que ela *realmente* fora a Mão do Imperador...

— Eu devia ter continuado a pressionar Winter para conseguir uma nave.

— Se você tivesse saído, agora eu e os gêmeos seríamos prisioneiros do Império. A caminho do encontro do Mestre Jedi C'baoth.

Mara sentiu o maxilar retesar-se. Não conseguia pensar num destino pior.

— Você já me agradeceu. Vamos dizer que você me deve uma, e deixar como está, certo?

— Acho que devemos a você muito mais do que uma. Mara encarou-a fixamente.

— Então se lembre disso quando eu matar seu irmão.

— Você ainda acha que quer matar ele?

— Não quero conversar sobre isso — declarou Mara, levantando-se e aproximando-se da janela. — Estou muito bem, você vai tentar me tirar daqui... todos estamos contentes e eu salvei você de C'baoth. Mais alguma coisa?

Organa Solo continuava a fitá-la.

— Na verdade, sim. Gostaria de saber por que fez tudo isso.

Mara olhou para fora, sentindo um desconfortável torvelinho de emoções apesar da armadura sentimental que construía com tanto cuidado.

— Não sei... — respondeu ela, surpresa por admitir o fato. — Tive dois dias de solitária para pensar nisso e ainda não sei. Talvez... tenha sido essa história sobre Thrawn roubar seus filhos.

— De onde você veio, Mara? Antes que o Imperador a trouxesse para Coruscant.

— Não sei. Lembro da primeira vez que encontrei o Imperador e a viagem para cá na nave dele — respondeu Mara.

— Mas não tenho lembranças de nenhum fato anterior.

— Lembra que idade você tinha?

— Não. Mas tinha idade suficiente para conversar com ele e para entender que ia sair de casa e acompanhá-lo. Mas antes, não lembro de nada.

— E quanto a seus pais? Lembra deles?

— Só um pouco. Não muito mais do que sombras. Não lembro do rosto deles... mas lembro que não queriam que eu partisse.

— Duvido que o Imperador deixasse alguma escolha para eles — comentou Organa Solo. — E você? Teve alguma escolha?

Mara sorriu, através das lágrimas inexplicáveis que lhe subiram aos olhos.

— Então é aí que você quer chegar. Acha que eu arrisquei minha vida para evitar que seus gêmeos fossem levados da mesma forma que eu?

— Não foi?

— Não — respondeu Mara, voltando-se para fitar a outra.

— Não foi por isso. Eu não queria que o louco do C'baoth colocasse as mãos nos gêmeos. Deixe como está.

— Certo — disse Organa Solo, em tom de quem não acreditava muito.

— Mas se quiser conversar mais sobre isso...

— Sei onde encontrar você — completou Mara.

Ainda não acreditara que contara tudo aquilo à Organa Solo... mas em seu interior, admitia que fora bom falar sobre o assunto. Talvez estivesse ficando de coração mole.

— E pode me chamar a qualquer hora. Agora é melhor eu ir para a reunião e saber o que os clones combatentes de Thrawn estão a ponto de fazer hoje.

— Que clones combatentes? — quis saber Mara, franzindo a testa.

Foi a vez de Leia estranhar:

— Você não sabe?

— Saber o quê?

— O Império encontrou alguns cilindros Spaarti de clonagem em algum lugar. Estão produzindo um grande número de clones para lutar contra nós.

— Ninguém me disse nada... — sussurrou Mara, sentindo um arrepio na espinha.

— Desculpe, pensei que todos soubessem. Foi o assunto principal no palácio por quase um mês.

— Eu estava inconsciente, na ala médica.

Clones. Com a luta pela Frota *Katana* e com o sangue-frio do Grande Almirante, seria mais uma repetição das Guerras Clônicas.

— E verdade. Tinha me esquecido. Mas estava acontecendo tanta coisa... você está bem?

— Estou ótima — afirmou Mara, ouvindo a própria voz como um som distante.

As lembranças chegavam à sua mente com a velocidade de um raio. A floresta... a montanha... um depósito secreto dos tesouros pessoais do Imperador...

E uma câmara enorme, cheia de tanques de clonagem.

— Certo. Bem... vejo você mais tarde — afirmou Organa Solo, não muito convencida.

Ela estendeu a mão para a maçaneta.

— Espere!

Organa Solo voltou-se.

— Sim?

Mara respirou fundo. A própria existência do local fora um segredo muito bem guardado e conhecido de muito poucos... o Imperador deixara isso bem claro sempre que tinha oportunidade. Mas se Thrawn ia colocar as mãos num exército de clones para espalhá-los pela Galáxia...

— Acho que sei onde estão os cilindros Spaarti de Thrawn.

Mesmo com suas habilidades Jedi ainda em estágio rudimentar, ela sentiu a onda de surpresa que Organa Solo produziu.

— Onde? — indagou ela, com voz controlada.

— O Imperador tinha um depósito pessoal — começou Mara, articulando as palavras com dificuldade. Parecia estar vendo o rosto grave, com os olhos amarelos voltados para ela, numa acusação silenciosa. — Era embaixo de uma montanha num planeta que ele chamava de Wayland... nem sei se esse era o nome verdadeiro. Mas era o lugar onde ele guardava suas recordações pessoais e as tecnologias estranhas que ele acreditava poderem ser úteis algum dia. Uma das cavernas artificiais abrigava uma instalação de clonagem, que ele tomou de um dos senhores dos clones.

— Era completa?

— Totalmente equipada. Tinha todos os sistemas nutrientes, mais uma instalação de educação-relâmpago para implantação de personalidade e treinamento técnico dos clones, enquanto eles se desenvolvem.

— Quantos cilindros existem lá?

— Não sei ao certo. Ficavam arranjados em formação concêntrica, como numa arena esportiva, e enchiam toda a caverna.

— Mil cilindros — insistiu Organa Solo. — Dois mil? Dez?

— Eu diria que existem na caverna pelo menos vinte mil cilindros... talvez mais.

— Vinte mil! E ele pode produzir um clone a cada vinte dias...

Mara franziu a testa.

— Vinte *dias*? Isso é impossível.

— Sei disso. Mas é o que Thrawn está conseguindo. Sabe as coordenadas de Wayland?

Mara balançou a cabeça.

— Só estive lá uma vez e o próprio Imperador pilotou a nave. Mas sei como encontrar o lugar, se tiver acesso às cartas espaciais e a um computador de navegação.

Organa Solo assentiu com um gesto lento, transmitindo a Mara a impressão do vento fustigando uma ravina.

— Vamos ver o que posso fazer. Nesse meio tempo... — Os olhos fixaram-se nos de Mara. — Você não pode mencionar a ninguém o que me contou. A *ninguém*. Thrawn ainda está conseguindo obter informações aqui no palácio... e essa é uma informação pela qual muitas pessoas matariam sem hesitar.

— Certo — concordou Mara, sentindo frio de repente.

— Muito bem. Vou tentar obter uma segurança extra para você, se puder fazer isso sem dar na vista — afirmou Organa Solo, inclinando a cabeça como se escutasse algo. — E melhor eu ir, agora. Han e Luke estão vindo para cá e esse não é o melhor lugar para um conselho de guerra.

— Claro.

Mara voltou outra vez o rosto para a janela. O céu estava encoberto e ela se colocara ao lado da Nova República. Do lado de Luke Skywalker. O homem que precisava matar.

Fizeram o conselho de guerra no quarto de Leia, naquela noite, um lugar que sabiam estar a salvo da misteriosa Fonte Delta. Luke olhou ao redor do aposento quando entrou, pensando na série de eventos que reunira aquelas pessoas... amigos... em sua vida. Han e Leia, sentados juntos no sofá, partilhando um breve momento de tranquilidade juntos, antes que as realidades de uma guerra galáctica se intrometessem. Chewbacca, sentado entre eles e a porta, a besta pronta para a ação sobre seus joelhos, determinado a não falhar de novo em seu dever auto-imposto de protegê-los. Lando, que digitava o terminal de computador, produzindo uma lista de preços de mercado no monitor. Threepio e Artoo, conversando num canto, contando mexericos de dróides um ao

outro. E Winter, sentada em outro canto, embalando os berços dos bebês adormecidos.

Seus amigos. Sua família.

— Então? — indagou Han.

— Fiz uma verificação completo ao redor de onde estamos — disse Luke. — Nenhum ser vivo, ou dróide está por perto. E aqui?

— Fiz o tenente Page aparecer e fazer uma varredura no apartamento. E ninguém entrou desde que ele veio — informou Leia. — Devemos estar seguros aqui.

— Ótimo. Será que agora podemos saber o que está acontecendo? — perguntou Han.

— Podem — respondeu Leia e Luke percebeu que a irmã se preparava.

— Mara acha que sabe onde é a instalação de clonagem do Império.

Han endireitou o corpo no sofá, olhando para Lando.

— Onde?

— Num planeta que o Imperador chamava de Wayland — respondeu Leia. — É um codinome, porque não está em nenhuma lista que eu consultei.

— Era uma das velhas instalações dos mestre dos clones? — quis saber Luke.

— Mara disse que é uma espécie de depósito pessoal do Imperador. Tive a impressão de que era uma espécie de mistura de sala de troféus com depósito de protótipos.

— Um ninho de ratos particular — comentou Han. — Parece mesmo coisa do Imperador. Onde é?

— Ela não tem as coordenadas. Só estive lá uma vez, mas acha que pode encontrar o lugar.

— Por que não disse nada até agora? — quis saber Lando. Leia deu de ombros.

— Aparentemente não sabia sobre os clones até que eu fiz um comentário. Ela estava internada, fazendo regeneração neural na época em que todos estavam falando sobre o assunto.

— Mesmo assim é difícil acreditar que ela pudesse não saber de nada — protestou Lando.

— Difícil, mas não impossível — lembrou Leia. — Nenhum dos relatórios de distribuição geral aos quais ela tem acesso mencionava os clones. E ela não tem tido o que se possa chamar de uma vida social ativa no palácio.

— A hora foi bastante conveniente — ressaltou Lando. — Alguém podia até dizer suspeita. Aqui estava ela, podendo andar à vontade pelo palácio. Então é acusada pelo comandante de um grupo de comandos e presa. De repente fica acenando com Wayland para nós e quer que a soltemos.

— Quem falou em soltá-la? — perguntou Leia, surpresa com a idéia.

— Não é o que ela está oferecendo? — insistiu Lando. — Para nos levar até Wayland?

— Ela não está oferecendo nem pedindo nada. — E o que *eu* ia propor, é que conseguíssemos levar um computador de navegação para o quarto dela, para conseguir a localização de Wayland.

— Acho que não basta, meu bem — protestou Han. — As coordenadas seriam um bom começo, mas um planeta é um bocado de espaço para se esconder um depósito.

— Especialmente quando o Imperador não queria que fosse encontrado com facilidade — concordou Luke. — Lando tem razão. Teremos de levá-la conosco.

Han e Lando voltaram-se para observá-lo e até mesmo Leia ficou perplexa.

— Está querendo dizer que acredita em tudo isso?

— Não acho que a gente tenha alguma possibilidade de escolha — justificou Luke. — Quanto mais demorarmos, mais clones o Império vai mandar contra nós.

— E quanto a pista que você estava seguindo? Que apontava Poderis e o setor Orus?

— Isso levaria tempo. Mara nos levaria lá muito mais depressa — disse Luke.

— *Se* ela estiver contando a verdade — lembrou Lando, preocupado. —

Se não estiver, é um beco sem saída.

— Ou pior — completou Han. — Thrawn já tentou uma vez reunir você e aquele tal C'baoth. Essa bem poderia ser outra armadilha.

Luke olhou para cada um deles, desejando saber como explicar o que sentia. Algo no fundo dele sabia que era a coisa correta a fazer; era para onde seu caminho o estava levando.

Como acontecera com o confronto final entre Vader e o Imperador, de alguma forma seu destino e o de Mara estavam reunidos naquele instante no tempo.

— Não é uma armadilha — declarou ele, por fim. — Pelo menos, não da parte de Mara.

— Concordo — apoiou Leia. — E acho que você tem razão. Precisamos levá-la.

Han girou na cadeira para encarar a esposa. Olhou para Luke, depois para Leia.

— Deixe eu adivinhar... é mais uma daquelas maluquices Jedi, não é?

— Em parte, é — admitiu Leia. — Mas a maior parte é lógica tática simples. Não acho que Thrawn teria arriscado tanto para tentar nos convencer de que ela fazia parte do ataque do Império, a menos que pretendesse desacreditar qualquer informação que ela pudesse nos dar sobre Wayland.

— Se você presumir isso, também precisa presumir que Thrawn saberia que o seqüestro iria falhar — observou Lando.

— Acredito que Thrawn se prepara para todas as contingências — disse Leia. — E como você mesmo disse, Han, tem alguma coisa de Jedi nesse assunto todo. Toquei a mente de Mara duas vezes durante o ataque: uma vez quando ela me acordou, depois outra vez quando entrou por trás do inimigo.

Ela olhou para Luke e ele percebeu que ela sabia sobre o juramento de Mara para matá-lo.

— Mara não gosta muito de nós — declarou Leia. — Mas de alguma forma não acredito que isso tenha importância. Ela compreende que uma nova versão das Guerras Clônicas pode acontecer e sabe o que isso faria com a Galáxia. Simplesmente não deseja que aconteça de novo.

— Se ela quiser nos levar até Wayland, eu vou — declarou Luke, com firmeza. — Não estou perguntando se alguns de vocês querem ir junto. Tudo o que peço é a ajuda para que Mon Mothma a liberte. — Ele hesitou. — E a bênção de vocês.

Por algum tempo o aposento permaneceu em silêncio. Han olhou para o assoalho, a testa tensa de concentração, agarrando com força a mão de Leia. Lando cofiava o bigode, mudo. Chewbacca alisava sua besta, rosnando baixo; no canto oposto, Artoo emitia ruídos eletrônicos para si mesmo. Um dos bebês gemeu um pouco no sono e Winter acariciou-o para tranquilizá-lo.

— Não podemos falar com Mon Mothma sobre isso — afirmou Han, por fim. — Ela vai querer acionar todos os canais competentes e quando alguém estiver pronto para partir, metade do palácio vai estar comentando o assunto. Se Thrawn quiser calar Mara para sempre, vai ter todo o tempo que precisa.

— Qual é a alternativa? — indagou Leia, sabendo que não iria gostar da resposta.

— O que Lando já disse. Tiramos ela de lá — declarou Han.

— Han! Não podemos fazer isso...

— Podemos, sim. Chewie e eu tivemos que tirar um sujeito da prisão domiciliar no Império e funcionou muito bem.

Chewbacca rosnou algo.

— E daí que o sujeito explodiu junto? — protestou Han. — Não foi nossa culpa que só foram apanhá-lo uma semana depois.

— Não foi isso o que eu quis dizer — esclareceu Leia. — Vocês estão falando sobre cometer um ato ilegal. A beira de ser considerado traição.

Han deu uma palmada no joelho.

— Toda a Rebelião foi um ato altamente ilegal, beirando a traição, meu bem. Quando as regras não funcionam, a gente quebra algumas.

— Vocês têm razão — admitiu ela, pouco depois. — Têm razão. Quando nós começamos?

— Nós... quer dizer, você... não começa nada — afirmou Han. — Eu e Luke vamos fazer isso. Você e Chewie vão ficar aqui, onde é mais seguro.

Chewbacca começou a resmungar alguma coisa e interrompeu-se no meio da sentença. Leia olhou para o wookie e para Luke.

— Você não precisa ir, Han — disse Luke, percebendo os temores que a irmã não diria em voz alta. — Mara e eu podemos fazer tudo sozinhos.

— O quê? Vocês dois sozinhos para tomar um complexo produtor de clones? — protestou Han.

— Não temos muita escolha. Enquanto a Fonte Delta estiver ativa por aqui, não existem muitas pessoas nas quais podemos confiar. E alguns que podemos, como a Esquadrilha Rogue, estão fora, em missões de defesa. — Luke fez um gesto que abrangeu a todos. — Estamos todos aqui.

— Então somos só nós — começou Han. — Mesmo assim, temos mais chances com três do que com dois.

— Certo, Han. Somos um grupo de três...

— Acho que quatro é bem melhor — suspirou Lando. — Da forma que as coisas correram com a Cidade Nômade, acho que não tenho muito o que fazer. Será interessante fazer com que eles paguem pelo que fizeram.

— Para mim está ótimo — afirmou Han, sorrindo. — Bem-vindo a bordo, companheiro. Muito bem, Chewie. Qual é o *seu* problema?

Leia olhou para o wookie, surpresa. Não notara nenhum problema com ele, porém, ao prestar atenção, percebeu-lhe o conflito de emoções.

— O que foi, Chewie?

Por um instante ele ficou rosnando baixo, depois, relutante, disse o que pensava.

— Nós também gostaríamos de ter você conosco — disse Han. — Mas alguém precisa ficar para proteger Leia. A menos que você ache que a Segurança do palácio está fazendo um bom trabalho.

Chewbacca rugiu sua opinião sobre a Segurança do palácio.

— Exatamente — completou Han. — É por isso que você vai ficar.

Luke olhou para Leia. Ela também o encarava, consciente do dilema. O débito original do juramento era para com Han e o wookie não conseguia se conformar com o fato do companheiro ir sem ele

enfrentar aquele tipo de perigo. Mas Leia e os bebês também estavam sob a proteção dele e deixá-los no palácio depois do atentado era doloroso.

— Tenho uma idéia — afirmou Leia, devagar, enquanto imaginava uma solução.

Todos escutaram com cuidado e Han demonstrou grande surpresa. Chewbacca concordou na mesma hora.

— Isso deve ser uma brincadeira, certo? Me diga que é brincadeira. Se estão pensando que vou deixar Leia e as crianças com...

— É a única forma, Han. Chewie vai se sentir péssimo se não for — argumentou Leia.

— Chewie já se sentiu péssimo antes. Ele é capaz de ultrapassar isso. Vamos, Luke, fale com sua irmã...

— Desculpe, Han. Mas eu acho que é uma boa idéia — afirmou Luke; depois não conseguiu controlar-se: — Pode ser mais uma daquelas maluquices Jedi.

— Muito engraçadinho... Lando? Winter? Digam alguma coisa.

— Não olhe para mim, Han — defendeu-se Lando. — Estou fora dessa parte da discussão.

— E eu confio no julgamento da princesa Leia. Se ela diz que ficará a salvo, ficaremos em segurança — opinou Winter.

— Você ainda tem alguns dias para se acostumar com a idéia — lembrou Leia, antes que o marido continuasse. — Talvez mude de idéia.

O olhar de Han não era encorajador. Mas ele assentiu. A seguir, houve um instante de silêncio.

— Então é isso mesmo? — perguntou Lando.

— É. Temos uma missão para planejar — confirmou Leia. — Vamos a ela.